



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.

ISSN 2594-8806

Ano 3, Vol. V, Número 2, Jul- Dez, 2019, p.20-39.

## SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL: OS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA E OS ESTILOS MAIS MONITORADOS E ADEQUAÇÃO LINGUÍSTICA

### Educational Sociolinguistics: the Portuguese Language Textbooks and the most monitored styles and linguistic adequacy

Andreza Marcião dos Santos  
Aldair Oliveira de Andrade  
Raquel Aparecida Dal Cortivo  
Shirlene Aparecida da Rocha

**RESUMO:** Este trabalho traz uma análise dos Livros Didáticos de língua portuguesa do Ensino Médio sob a perspectiva da Sociolinguística Educacional, com vista a contribuir para a reflexão sobre os estilos mais monitorados e adequação linguística no ensino de língua portuguesa. Para tal, foram selecionados sete Livros Didáticos referentes ao 1º ano do Ensino Médio aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD (triênio 2018-2020). Assim sendo, foi possível perceber que os Livros Didáticos apesar de não adotarem a teoria da Sociolinguística Educacional de forma explícita, carregam os seus pressupostos implicitamente, e que pode levar tanto o professor quanto o aluno a transitar entre os vários estilos e diversas situações comunicativas encontradas na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística Educacional; Monitoração linguística; Adequação linguística.

**ABSTRACT:** This paper presents an analysis of the Portuguese Language Textbooks of High School from the perspective of Educational Sociolinguistics, in order to contribute to the reflection on the most monitored styles and linguistic adequacy in Portuguese language teaching. To that end, seven Textbooks referring to the 1st year of High School were approved by the National Program of Textbooks - PNLD (triennium 2018-2020). Thus, it was possible to perceive that textbooks, although they do not explicitly adopt the theory of Educational Sociolinguistics, implicitly carry their assumptions, and that can lead both the teacher and the student to move between the various styles and different communicative situations encountered in society.

**KEYWORDS:** Educational Sociolinguistics; Linguistic monitoring; Linguistic adequacy.

## 1 Introdução

A busca por uma reflexão sobre a língua, a linguagem e a gramática parece-nos indispensável para a compreensão da nossa própria língua materna, pois cada

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

indivíduo possui uma experiência distinta com a língua, o que valida tomar como ponto de partida esses conhecimentos prévios, nos quais a concepção de homogeneidade linguística deve ser extinta, pois não há mais como negar as variações e as mudanças sofridas pela língua ao longo do tempo. É preciso considerar sua heterogeneidade e incorporar tal concepção no ensino de Língua Portuguesa.

No entanto, essa concepção de heterogeneidade, não era objeto de ensino para a maioria dos professores de Língua Portuguesa (LP) e o papel da escola era direcionar os alunos ao estudo da norma-padrão e da “língua certa”. Sendo as aulas de LP limitadas ao ensino da gramática normativa e cabendo ao professor a função de corrigir o “português errado” e de ensinar a nomenclatura e a análise gramatical sem contexto algum e sem efetivação de uso por parte dos estudantes (cf. COELHO, 2007).

Os estudos da Sociolinguística e o conhecimento da diversidade linguística proporcionam uma mudança na visão e na prática do professor de LP. No entanto, há, ainda, nas escolas, a predominância da norma-padrão como a única correta, a melhor forma de comunicação e um meio de ascensão social e de poder. E acreditando em uma nova concepção de ensino de LP, o livro didático torna-se um instrumento de grande importância para a realização deste percurso, uma vez que ele não é somente um suporte utilizado pelos professores para o ensino-aprendizagem; é, na maioria das vezes, o único material de que dispõem como fonte de consulta, apoio às aulas, de condução da prática pedagógica e das referências linguísticas para os alunos e professores (COELHO, 2007).

Com os avanços dos estudos linguísticos, da LDB 9.394/96 e da publicação dos PCNEM, em 1999, pôde-se pensar e falar em uma renovação da prática do ensino de LP através de uma proposta de organização curricular na qual o ensino não fosse voltado somente para o ensino da gramática. Nesse sentido, os documentos oficiais que norteiam o ensino de Língua Portuguesa para o Ensino Médio propõem uma nova ideia de ensino, voltados para conhecimentos e competências gerais, envolvendo os contextos de sua aplicação, a realidade linguística e cultural do aluno, o mercado de trabalho, a continuação dos estudos e a cidadania.

Por isso, abriu-se uma reflexão sobre os estilos mais monitorados e adequação linguística nos Livros Didáticos de língua portuguesa para o Ensino Médio, a fim de despertar no professor e aluno a criticidade e o conhecimento acerca da heterogeneidade

da língua e que, posteriormente, possam compreendê-la ou transformá-la de acordo com os mais diversos contextos de comunicação e interação social.

## **2 A Sociolinguística Educacional e o Livro Didático de língua portuguesa**

Os estudos realizados no transcorrer do tempo sobre o que é língua, linguagem e gramática permitem-nos verificar as diferentes abordagens que as envolve, sendo possível refletir, por exemplo, a respeito do ensino de língua materna no contexto escolar que privilegia concepções acerca da capacitação do aluno na fala e na escrita de acordo com as regras prescritas e conhecidas como norma-padrão. Nesse contexto, a língua escrita recebe uma maior atenção por ser exigida na sociedade e por estabelecer um conhecimento mais aprofundado e formal da língua.

Levar em consideração somente um determinado modelo ou concepção de língua, linguagem e gramática é desconsiderar todo um universo de dados, que levaria a um cenário de descobertas acerca da diversidade linguística do qual a língua faz parte. Por ser um processo natural, envolve muitos outros aspectos, como a cognição humana, o meio social e a capacidade do ser humano de usar a linguagem. Precisamos de estudiosos que se dediquem ao maior número possível de língua e variedades dessa mesma língua, outros que a estudem em profundidade, para que seja possível entender a unidade essencial da linguagem humana, os diferentes sistemas linguísticos com pontos comuns e diferentes que o constituem (FRANÇA; FERRARI; MAIA, 2016).

A princípio, as línguas parecem ser muito diferentes umas das outras, embora por um lado apresentem similaridades universais, por outro, uma descrição mais específica encontra pontos particulares. A língua é ao mesmo tempo diferente e igual (FRANÇA; FERRARI; MAIA, 2016), ou seja, todas as línguas sofrem modificações ao longo do tempo em função do seu caráter heterogêneo e por isso apresentam uma ampla variedade linguística que já foram e estão sendo estudadas pelos linguistas.

No português brasileiro, por exemplo, os estudos demonstram que o uso das variáveis nós e a gente é sistematicamente influenciado por fatores sociais, como faixa etária e nível de formalidade. Além disso, a mudança linguística, que necessariamente decorre de uma variação, também pode influenciar o estabelecimento de novas regras. Por exemplo, se a regra para permitir a identificação das diferentes funções sintáticas em latim previa a atribuição de caso morfológico aos nomes (nominativo, acusativo etc.), uma nova regra precisou ser estabelecida, em português, para que essa identificação pudesse ser preservada no momento em que as marcas de caso deixaram de existir (FRANÇA; FERRARI; MAIA, 2016, p. 18).

O caráter heterogêneo da língua deve ser levado em consideração no processo de compreensão de seu funcionamento. A língua possui seu próprio sistema de variação e mudança que são entendidas por um determinado grupo de falantes ou uma comunidade, por isso considerar essa reflexão no contexto escolar é tratar com seriedade, com base em critérios científicos e pedagógicos consistentes os aspectos da língua e linguagem, com intuito de obter o interesse do aluno em descobrir e aderir às atividades didáticas propostas que o levem a ampliar o seu entendimento sobre as diversidades linguísticas. Caso contrário, não levar em conta a lógica de funcionamento da língua é não compreender a imensa complexidade do fenômeno da linguagem e da nossa condição humana de exercê-la.

A partir disso, é possível ensinar a disciplina de Língua Portuguesa na escola através do Livro Didático, contextualizando o conteúdo e a realidade do aluno do Ensino Médio no que se refere à compreensão e entendimento da língua materna. Por ser um instrumento muito utilizado pelo professor em sala de aula, deve-se ter cuidado ao selecioná-los e estar ciente da proposta de cada autor, pois em 2011, o livro *Por uma vida melhor*, da coleção Viver, aprender; propôs que a expressão “nós pega o peixe” fosse uma forma de comunicação válida dentro de uma comunidade linguística, no entanto, foi recolhido porque para alguns que não compreendiam a heterogeneidade da língua deixou a entender que “ensina os alunos a falar errado”. A autora e a própria área da Linguística foram taxadas de vilãs, passando a ser conhecida como a disciplina que emperra o trabalho dos gramáticos que buscam ensinar português aos brasileiros (FRANÇA; FERRARI; MAIA, 2016).

O que incomodou foi o fato do livro mostrar uma nova concepção, ao invés de “certo” e “errado”, substituiu-se por “adequado” e “inadequado”. Neto (2011), para uma reportagem da **Revista Veja**, dirigiu-se de forma ofensiva a pesquisadores que defendiam a integração das variedades linguísticas no ensino de Língua Portuguesa. Ao contrário de

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

alguns estudiosos que não seguem essa concepção da heterogeneidade da língua e fazem uso de uma leitura mal realizada acerca das novas propostas de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, o livro **Por uma vida melhor**, se propôs a levar em consideração a variedade linguística do seu falante “os menino pega o peixe” e, posteriormente, mostrar as alternativas encontradas no contexto escolar e na sociedade como um todo para auxiliar o desenvolvimento da consciência e competência linguística do aluno, pois apesar de todas as variedades serem aceitáveis é preciso ensiná-los a usar a linguagem nos diferentes contextos de interação e comunicação social, cujo domínio da norma-padrão é exigido.

Reconhecer a heterogeneidade da língua é o primeiro passo para a transformação de uma ideologia que só leva em conta a norma-padrão e a escrita. A escola deve assumir o seu papel e desenvolver propostas pedagógicas que retratem a diversidade linguística e reflita sobre o ensino tradicional da Língua Portuguesa, uma vez que as variedades linguísticas fazem parte da sociedade como um todo e não as reconhecer é considerar que a língua possui um caráter homogêneo.

Os Livros Didáticos podem auxiliar no entendimento da heterogeneidade linguística na sala de aula, sendo perceptível um grande avanço nas avaliações dos livros didáticos (LD) desde quando foi instituído o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), em 1985, e a avaliação do Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio em 2004, como uma política desenvolvida pelo Ministério da Educação (MEC), para aquisição e distribuição universal e gratuita de livros didáticos para os alunos das escolas públicas (COELHO, 2007).

Por isso neste artigo, foram analisadas sete Livros Didáticos de língua portuguesa adotados pelo PNLD (2018-2020) destinados aos alunos do 1º ano do ensino médio, sendo: 1) Língua Portuguesa: Linguagem e Interação (Faraco, Maruxo JR., Moura); 2) Ser Protagonista – Língua Portuguesa (Ricardo Gonçalves Barreto; Marianka Gonçalves-Santa Bárbara; Cecília Bergamin); 3) Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso (Carolina Dias Vianna, Christiane Damien, William Cereja); 4) Veredas da Palavra (Vima Lia Martin, Roberta Hernandez); 5) Novas Palavras (Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite, Severino Antônio); 6) Esferas das Linguagens (Maria Inês Batista Campos, Nívia Assumpção) e; 7) Se Liga Na Língua: Literatura, Produção de Texto, Linguagem (Cristiane Siniscalchi, Wilton Ormundo).

A partir das análises das coleções foi possível observar como a Sociolinguística Educacional pode contribuir para o ensino de língua portuguesa no contexto do ensino médio, além de refletir sobre a construção do conhecimento linguístico e a língua em seus estilos mais monitorados e de adequação linguística, evidenciado que os Livros Didáticos vem buscando de alguma forma relacionar aspectos linguísticos, ensino e sociedade contribuindo cada vez mais para um ensino que considera a língua como algo mutável e que pode ser moldada de acordo com a necessidade da sociedade.

### **3 Os estilos mais monitorados e adequação linguística**

Essa questão refere-se ao pressuposto de que é preciso auxiliar o aluno sobre a compreensão dos estilos mais monitorados ou formais da língua e substituir a noção de “certo” e “errado” para o “adequado” e “inadequado”, para ir além de um aspecto puramente gramatical e mostrar as possibilidades de uso da língua.

Os estilos mais monitorados ou formais da língua são aqueles que envolvem as interações espontâneas, sem planejamento, e vão até aquelas rigorosamente planejadas, ou seja, “os falantes alternam estilos monitorados, que exigem muita atenção e planejamento, e estilos não monitorados, realizados com o mínimo de atenção ao padrão formal da língua” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 62).

A adequação linguística envolve a competência comunicativa, a capacidade de um falante em saber o que falar e como falar com qualquer interlocutor e em qualquer circunstância, pois “quando faz uso da língua, o falante não só aplica as regras para obter sentenças bem formadas, mas também faz uso das normas de adequação definidas em sua cultura” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 73).

Com base nesses conceitos, os Livros Didáticos *Esferas das linguagens* (CAMPOS; ASSUMPÇÃO, 2016); *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso* (CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016) não apresentaram os estilos mais monitorados ou formais da língua. Cabe então refletir sobre a seguinte questão: como os alunos poderão compreender e utilizar os estilos mais monitorados e formais da língua se não têm esse recurso comunicativo em seu repertório?

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

No contexto escolar, por exemplo, há um processo de hierarquização de funções ou papéis sociais, ou seja, há os gestores, pedagogos, professores e secretários que apresentam algum tipo de autoridade uns com os outros, e quando se volta para a língua tem-se a mesma lógica, pois em sala de aula o professor ocupa uma posição e obrigações diferentes de seus alunos, entre eles o de usar uma linguagem mais monitorada, tratando-se, assim, de uma monitoração linguística.

A partir do momento que o professor toma consciência desse processo poderá promover ao aluno a oportunidade de participar e interagir com um grau maior ou menor de monitoração (BORTONI-RICARDO, 2004). Neste sentido, se essa questão fosse trabalhada no Livro Didático poderia oferecer os recursos comunicativos necessários para o enriquecimento do repertório linguístico tanto do professor quanto do aluno, o que proporcionaria o conhecimento necessário para o uso e alternância dos estilos mais monitorados ou formais da língua em frente a um estilo mais espontâneo.

Mas no que se refere ao conceito de adequação linguística, o Livro Didático *Esferas das linguagens* (CAMPOS; ASSUMPÇÃO, 2016) apresenta no capítulo 6 “Variações Linguísticas”, precisamente, no tópico “Variações de grupo social: gírias e jargões”, as variações de um grupo social para com outro, como uma forma de chamar atenção do aluno para a adequação linguística de acordo com as situações de interação de cada grupo social. Evidencia-se o exemplo de gíria quando as autoras Maria Inês e Nívea Assumpção (2016) apresentam um trecho da crônica de Ferréz (1975), nome literário de Reginaldo Ferreira da Silva, intitulada “Baseada em fatos reais”, em que se realiza uma conversa informal entre um escritor (27 anos) e um estudante (16 anos).



**Figura 1 - Gíria**

- E aí, truta, tudo pela ordem?
- Tudo, de onde eu te trombo mesmo?
- Lá do Jardim Ângela, cê deu uma palestra na minha escola.
- Pode crê.
- Então, Ferréz, eu queria te trombar mesmo, oh!
- E o que pega, trutinha?
- Tem uma história pra ti, é curta, mas foi comigo mesmo que aconteceu.
- Truta, eu posso tá ouvindo, vamos tomar um refri ali no bar.
- Tá legal.
- E essas marcas aí no seu rosto?
- Isso tem a ver com a história.
- Coca-cola ou guaraná?
- Dolly, que é mais barato e vêm 2 litros.
- Certo, mas, e aí, o que tá pegando?
- É o seguinte, minha mãe tá desempregada, né, e cê sabe que a gente tem que fazer uns corres aí pra viver.
- Mas você ainda é novo.
- Que nada, já tenho 16, e nessas eu tava fazendo umas fitas lá naquele mercado grande.
- Vichi! Mó barato sinistro, hein.
- Pro cê vê, tava pensando se eu roubar uns barato miúdo eu não viro um dinheiro para a coroa, então peguei logo um litrão de Whiski.
- Ahã.
- Logo o gerente me pegou no flagra.
- E aí?
- Me levou para trás no galpão dos estoque, disse no telefone que era um código X10, isso quer dizer que eles devem chamar todo mundo da loja para ver.
- E foi todo mundo te ver?
- Isso num é vergonha, só que ele começou a me esmurrar, truta, ele me deu um soco tão grande na cara, que o resto eu nem senti.

Fonte: CAMPOS; ASSUMPÇÃO (2016, p. 60).

De acordo com o trecho da crônica é possível identificar o escritor e o estudante, sem necessariamente identificar explicitamente no discurso quem são as personagens, isso significa que através das marcas linguísticas o leitor identificará cada personagem. Além do mais, o escritor, que se supõe ter um conhecimento sobre as regras gramaticais, assume uma postura informal em frente ao estudante, adequando-se de acordo com o contexto em que está inserido. Isso consiste no processo de adequação linguística, a qual se faz a partir da gíria que é um processo de comunicação rápido, fácil e que não se identifica pelo sentido literal e são capazes de marcar a idade dos indivíduos, pois “quem diria que “sinistro” seria usada para significar “incrível ao invés de macabro?”[...] as gírias são transitórias, mas o fenômeno é permanente” (RAGEL; VIEIRA, 2011, p. 30).



Um dos primeiros pontos que se deve levar em consideração ao ensinar a língua é que ela sofre variação e a segunda é que não existe uma língua melhor que a outra, pois todas possuem estruturas mais ou menos complexas e só existe porque a usamos. Neste sentido, não se trata de não ensinar a estrutura ou a explicação das regras que envolvem a língua, mas estabelecer relações de sentido, ou seja, descrever ou tentar sistematizar algo para o aluno não terá o mínimo sentido, pois ele já possui o seu próprio conhecimento linguístico interiorizado, e o que é preciso ser repassado é a noção de adequação linguística de acordo com o contexto de comunicação e interação social. Neste caso, segue outro exemplo sobre os jargões.

Figura 2 - Jargões



Fonte: CAMPOS; ASSUMPÇÃO (2016, p. 63).

A partir do exemplo, é possível perceber por um lado que o importante é falar adequadamente de acordo com a situação de comunicação e que o uso de determinadas variedades linguísticas pode identificar um grupo social. Por outro, aqueles que tentam se promover utilizando termos mais científicos em ocasiões que não os requerem como forma de mostrar que “dominam” a língua faz o papel inverso, ou seja, disfarça a sua própria falta de conhecimento sobre o uso da língua.

Já no livro *Língua Portuguesa: linguagem e interação* (FARACO; MOURA; MARUXO Jr., 2016), encontram-se os graus de formalidade da linguagem no capítulo inicial intitulado *Linguagens, textos e literatura*. As primeiras exemplificações ocorrem através dos diferentes gêneros textuais que circulam no meio social e que se voltam para

o público adolescente, como o texto 11 intitulado *Previsões para 2016 para cada signo* e o texto 13 *Entenda o que é bullying e como ele pode ser prevenido*, transcritos abaixo:

**Figura 3** - Texto 11 - Graus de formalidade

## Previsões para 2016 para cada signo

[...]

### Gêmeos (21/5 a 20/6)

- **No amor:** se você já é a simpatia em pessoa, em 2016 baterá um recorde! E será seu jeitinho espontâneo que irá impressionar os garotos de quem estiver a fim. Aliás, um amigo pode entrar pra esta lista, viu? Mesmo com imprevistos entre março e maio, o segredo pra ficar tudo lindo entre você e o namô será sempre o diálogo.

- **Com os amigos:** o espírito de liderança que reina em você irá unir a turma e até atrairá novas companhias. Aproveite a popularidade pra contagiar os *bests* com sua alegria.

- **Em casa:** seus pais, irmãos e até parentes próximos estarão 100% *good vibes*. O que ajudou nisso? Seu poder de comunicação!

**Figura 4** - Texto 13 - Graus de formalidade

## Entenda o que é *bullying* e como ele pode ser prevenido

**AP** — nós temos/ comentado aqui no CBN Total já há alguns dias/ aliás com frequência/ que.../ das crianças e adolescentes que são vítimas de *bullying*/ e o que isso pode acarretar na vida adulta dessa criança vítima de *bullying*/ sobretudo dentro da escola// mas de quem é a responsabilidade/ é.../ sobre o *bullying*?// quem pratica?/ o pai da criança que pratica o *bullying* e depois pode contar essa história e ser apontado como/ Oh, você é muito macho, meu filho/ alguma coisa do gênero/ oh, você é muito corajoso?// da escola que poderia de alguma forma tentar intimidar/ quem pratica *bullying*? porque o fato é/ que vítimas acontecem/ vítimas aparecem/ e elas/ vão crescer um dia// pra falar sobre o assunto/ a gente conversa agora com o doutor Nelson Pedro da Silva/ doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo/ também com experiência na área de Psicologia da Moralidade Humana/ como violência nas escolas/ desenvolvimento moral/ virtudes e ética|

Fonte: FARACO; MOURA; MARUXO Jr. (2016, p. 63).

O texto 11 é um exemplo de horóscopo, um gênero textual que tem como finalidade prever eventos que ainda não aconteceram, ao passo que o texto 13 é o trecho de uma entrevista produzida para o programa *CBN Total*, transmitido pela rádio CBN. Ambos, se comparados, apresentam um grau de formalidade que se equipara, considerando os respectivos gêneros. O primeiro adequa-se às normas gramaticais, mas mantém marcas de coloquialidade, tais como: a função apelativa ou conativa (você, gírias e perguntas retóricas). O segundo texto, por se tratar de uma transcrição de entrevista mantém mais evidentes as marcas de oralidade e também da coloquialidade.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

Para Faraco, Moura e Maruxo Jr. (2016) há muitos fatores que determinam o grau de formalidade a ser utilizado em um texto, destacam-se aqui a situação de comunicação, o gênero textual empregado, o objetivo do texto que se produz e o público a que o texto se destina. Nesse sentido, os autores trazem como outro exemplo o contexto de fala, no qual abordam os seguintes casos:

Figura 3 - Contexto de fala



Fonte: FARACO; MOURA, MARUXO Jr. (2016, p. 36).

Percebe-se que há uma tentativa de mostrar ao aluno o grau de formalidade e informalidade da linguagem em cada uma das situações comunicativas e considerando as relações das variedades linguísticas e os níveis de linguagem, de forma em que “há situações em que se pode utilizar a língua de maneira mais descontraída, menos formal [...], e outras em que é preciso um grau maior de formalidade [...]. formalidade e informalidade são níveis de linguagem” (FARACO; MOURA; MARUXO Jr., 2016, p. 39). Neste sentido, aprende-se a utilizar as variedades linguísticas e os níveis de linguagem, adaptando-os às diferentes situações e finalidades comunicativas, ou seja, relacionam-se graus de formalidade da língua e adequação linguística.

O Livro Didático *Novas Palavras* de Amaral et al. (2016) não apresenta o assunto sobre os estilos mais monitorados ou formais da língua, porém apresenta no



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806  
capítulo 1, intitulado *Gramática...Gramáticas*, o subtópico *Adequação e inadequação linguística*, explicando que para o processo comunicativo ser eficiente é necessário fazer uso da adequação e/ou ajuste da linguagem à situação de comunicação. Os autores a exemplificam através de um comunicado enviado pela escola aos pais de um dos alunos:

**Figura 4** - Adequação linguística

*Queridos papais:*

*O Duduzinho é um garoto hiperativo. Esse tipo de personalidade é comum no contexto de uma sociedade que apresenta diversos estímulos, nem todos condizentes com personalidades em formação, como o caso em questão. As modernas técnicas pedagógicas recomendam processos ludoterápicos que visam à transformação criativa desses impulsos.*

Fonte: AMARAL et al. (2016, p. 141).

Neste exemplo, segundo os autores Amaral et al. (2016) a linguagem está adequada ao emissor e a situação de comunicação, em que são empregados termos do universo pedagógico e sugeridas algumas formas de resolução dos problemas de comportamento do aluno pela escola. Enquanto o exemplo abaixo apresenta a mesma situação, porém transcrita em linguagem inadequada.

**Figura 5** - Inadequação linguística

*Mas o negócio é o seguinte: nós tentamos o diabo com esse moleque maldito. Ninguém aqui aguenta mais esse pequeno canalha. Façam o favor de não trazê-lo amanhã, nem nunca mais, pô!*

Fonte: AMARAL et al. (2016, p. 142).

O trecho apresenta a mudança no nível de linguagem, que passa a ideia de agressividade, impaciência da escola em relação ao comportamento do aluno, sendo inadequado, se a escola realmente o fizesse.

Os fatores que influenciam a adequação, como exposto também por Faraco, Moura e Maruxo Jr. (2016), são variados porque os atos de comunicação têm finalidades distintas e se realizam em diferentes circunstâncias. Assim, embora o primeiro bilhete apresente adequação linguística no que se refere à finalidade e as circunstâncias, a nosso ver, poderia considerar os pais do aluno na situação comunicativa utilizando-se de uma linguagem menos técnica, mas ainda formal. Há exemplos de situações em que a relação dos interlocutores é pessoal, nesses casos, emprega-se geralmente a linguagem mais popular, enquanto as relações são mais impessoais é pertinente o uso da variedade culta da língua.

Amaral et al. (2016) consideram nesta obra: **a)** a relação falante-ouvinte, ou seja, não se fala da mesma maneira com um amigo e com um estranho; **b)** a situação de comunicação, na situação formal ou informal não se fala da mesma forma; **c)** o assunto, referir-se a morte de uma pessoa requer uma linguagem diferente daquela usada para falar do jogo de futebol; **d)** o ambiente, não se fala do mesmo jeito em uma igreja e em uma festa de amigo; **e)** o efeito pretendido (intencionalidade), para elogiar ou agradecer, fala-se de um jeito; para ofender ou ironizar de outro; **f)** o gênero textual, de acordo com o gênero escolhido a linguagem pode ser mais formal ou informal; **g)** e o suporte (base física ou virtual com formato específico na qual o texto é fixado), na qual a linguagem de uma mensagem de texto transmitida no celular tem características diferentes da empregada em embalagens de produtos.

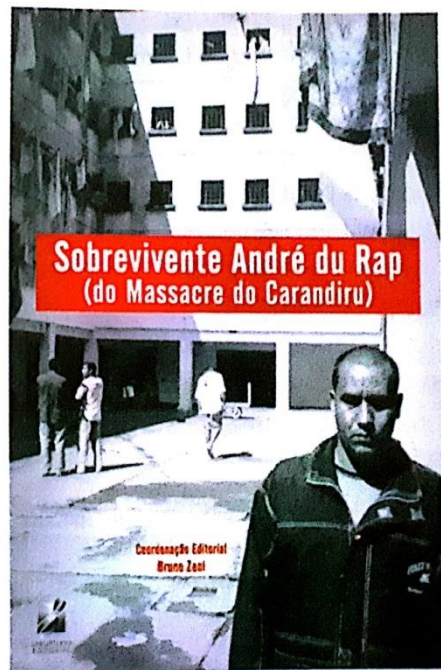
O Livro Didático *Se liga na língua: literatura; produção de texto; linguagem*, de Ormundo e Siniscalchi (2016) apresenta que qualquer processo comunicativo pressupõe um processo de adequação, no qual o falante, dentro do seu repertório linguístico, escolhe as formas mais adequadas de acordo com as finalidades da comunicação em que estará envolvido. Neste sentido relaciona-se o processo de adequação linguística com as variedades linguísticas, o que traz a ideia de que o falante já utiliza a língua com eficiência e que o papel da escola é de aprimorar esse uso, de acordo com o modo de escrever e falar das pessoas que têm maior prestígio social. Em relação aos níveis de linguagem, os autores apresentam dois níveis: o formal, que está relacionado com um comportamento linguístico mais refletido, em que se espera o

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

respeito às formas escolhidas pelas variedades urbanas de prestígio<sup>1</sup> em situações que exigem um grau de formalidade; e o nível coloquial, que indica não seguir com rigor tais variedades, mas incluem expressões populares, gírias etc. (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016).

Era no segundo andar, vários presos saíram pelos corredores, vários curiosos saíram pra galeria pra ver. Eu tava voltando do campo, era[m] umas onze horas. Lá, a gente ouvia que tava tendo uma treta no segundo andar. Todo mundo voltou para ver o que tava acontecendo. Quando tem uma confusão todo mundo quer ver, saber se é um irmão da quebrada, um companheiro. Para tentar trocar uma ideia antes, fazer um debate, saber quem tá certo, saber quem tá errado.

ZENI, Bruno (Coord. ed.). O massacre do Carandiru. In: *Sobrevivente André du Rap (do Massacre do Carandiru)*. São Paulo: Labortexto, 2002. p. 18. (Fragmento).



▲ Capa do livro.

A partir disso, Ormundo e Siniscalchi (2016) apresentam uma exemplificação acerca do nível coloquial e como isso pode contribuir para a reflexão sobre essa modalidade da língua.

#### Figura 6 - Nível coloquial

Fonte: ORMUNDO; SINISCALCHI (2016, p. 247).

A situação que é narrada no texto é de uma briga de detentos que chamou a atenção dos demais e como salientado a respeito do nível coloquial anteriormente, o texto usa palavras ou expressões que marcam a variedade linguística utilizada por um grupo

<sup>1</sup> As variedades linguísticas empregadas pelas pessoas que vivem nas grandes cidades e têm maior escolaridade são chamadas variedades urbanas de prestígio. Elas são usadas em livros, revistas, produções acadêmicas, telejornais, discursos, entrevistas de emprego e outras situações semelhantes de comunicação. A expressão *variedades urbanas de prestígio* tem sido preferida à expressão *norma culta*, que sugere um uso uniforme da língua, embora ambas apareçam como sinônimas em alguns contextos (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016, p. 248, grifos dos autores).

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

social específico como: Treta (briga, discussão); irmão da quebrada (parceiro, companheiro de bairro); trocar uma ideia e fazer um debate (conversar, discutir, para resolver um conflito). (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016). Porém, percebe-se que no texto há um **M** entre colchetes que indica uma correção de concordância verbal, o que pode gerar questionamentos como: foi o próprio narrador que fez esse processo de correção? Ou foi a editora? Ou os próprios autores do Livro Didático? Mesmo não chegando à conclusão de quem foi o responsável por essa situação, é possível refletir que há uma contradição quanto ao uso do nível coloquial, pois por um lado apresenta a ideia de não seguir as regras gramaticais, mas por outro, quando ocorre a correção, repassa a ideia de “erro”, “de incorreção” e “uso incorreto” do verbo.

Enquanto o Livro Didático *Ser Protagonista: Língua Portuguesa* (BARRETO; BÁRBARA; BERGAMIN, 2016) não apresenta os estilos mais monitorados ou mais coloquiais da língua, mas comunga com a mesma ideia de Ormundo; Siniscalchi (2016) quando se trata da adequação, ou seja, evidenciam que “sendo as variedades urbanas de prestígio aquelas que dão acesso à boa parte das oportunidades profissionais e de participação na vida pública, é fundamental conhecê-las e apropriar-se delas”. (BARRETO; BÁRBARA; BERGAMIN, 2016, p. 159). Exemplificam-se, através de um trecho de uma transcrição da fala de uma médica em um programa de televisão e de um trecho de uma bula de medicamento, as diferenças entre as linguagens utilizadas em cada texto.

**Figura 7 - Adequação linguística 1**

Tem que ser um uso moderado. O que existe, a gente vê muitas vezes na prática, é o paciente com dengue ou suspeita de dengue, ou com febre prolongada, ele se encharcar de paracetamol. Já peguei paciente que estava tomando dois, três comprimidos de paracetamol a cada quatro horas porque não passava a febre, não passava a dor, ele ia somando, né, sobrecarregando na dose, e esse paciente teve uma hepatite muito séria, muito importante, pela droga associada à lesão que o próprio vírus já traz, entendeu? Então, essa associação dengue que produz hepatite, paracetamol que tem toxicidade no fígado, isso pode conjuntamente piorar a situação. Mas não é contraindicado usar paracetamol na dengue.

Lobo, Isa. Uso indiscriminado do paracetamol pode causar estragos no fígado. 18 fev. 2011. Disponível em: <<http://saudearacaju.blogspot.com.br/2011/02/uso-indiscriminado-do-paracetamol-pode.html>>. Acesso em: 25 abr. 2016. Transcrição feita para esta edição.



Fonte: BARRETO; BÁRBARA; BERGAMIN (2016, p. 160).

Fonte: BARRETO; BÁRBARA; BERGAMIN (2016, p. 160).

O assunto em comum aos dois textos é o risco do consumo em excesso do paracetamol, apresentado no contexto médico e no farmacêutico, perceptíveis através da linguagem técnica utilizada. O que difere é que, no contexto da transcrição, a médica, ao fazer uso do texto oral, apresenta traços da linguagem informal – “a gente”, “se encharcar de paracetamol”, “né”, embora também utilize uma linguagem mais técnica – “toxicidade”, enquanto a bula é direcionada a um público especialista e também leigo. Neste sentido, peca-se ao considerar que um leigo ao ler a bula saberá o significado dos termos técnicos

#### **Figura 8 - Adequação linguística 2**

O paracetamol em altas doses pode causar hepatotoxicidade em alguns pacientes. Em adultos e adolescentes, pode ocorrer hepatotoxicidade após a ingestão de mais que 7,5 a 10 g em um período de 8 horas ou menos. Fatalidades não são frequentes (menos que 3-4% de todos os casos não tratados) com superdoses menores que 15 g. Em caso de suspeita de ingestão de altas doses de Paracetamol, procure imediatamente um centro médico de urgência. As crianças são mais resistentes que os adultos no que se refere à hepatotoxicidade, uma vez que casos graves são extremamente raros, possivelmente devido a diferenças na metabolização da droga. Uma superdose aguda de menos que 150 mg/kg em crianças não foi associada à hepatotoxicidade. Apesar disto, da mesma forma que para adultos, devem ser tomadas as medidas corretivas descritas a seguir nos casos de superdose em crianças. Os sinais e sintomas iniciais que se seguem a uma dose potencialmente hepatotóxica de paracetamol são: náusea, vômito, sudorese intensa e mal-estar geral. Os sinais clínicos e laboratoriais de toxicidade hepática podem não estar presentes até 48 a 72 horas após a ingestão da dose maciça.

como “hepatotoxicidade”, “metablização”, “sudorese”, “toxicidade hepática”, por exemplo. A partir disso, a afirmação de que é fundamental conhecer e se apropriar das variedades urbanas de prestígio é contraditória, uma vez que nem sempre o uso delas pode contribuir para um processo de comunicação eficiente.

E no Livro Didático *Veredas da palavra* (HERNANDES; MARTIN, 2016) adota-se o termo Letramento para designar os estilos mais monitorados e menos monitorados. Segundo as Ocem (2006, p. 28).

A lógica de uma proposta de ensino e de aprendizagem que busque promover letramentos múltiplos pressupõe conceber a leitura e a escrita como ferramentas de empoderamento e inclusão social. [...] Isso significa que o professor deve procurar, também, resgatar do contexto das comunidades em que a escola está inserida as práticas de linguagem e os respectivos textos que melhor representam sua realidade.

Neste sentido, a ideia é que a abordagem do letramento considere as práticas de linguagem que envolvam os diferentes aspectos da escrita e da oralidade, seja no contexto

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

escolar ou fora dele, contribuindo para que o aluno identifique e compreenda os diferentes níveis e tipos de habilidades utilizados no processo de interação e, conseqüentemente, tenha consciência das práticas letradas existentes na sociedade para poder atuar e transitar de forma eficiente entre elas.

Segundo Hernandez; Martin (2016) não basta saber ler e escrever, é preciso dominar práticas de leitura e escrita muito mais complexas do que a mera aquisição do código, evidenciando a adequação da linguagem às mais diversas situações de interação. Destaca-se na obra uma linha contínua da relação entre a oralidade e a escrita, ou seja, que vai de um uso linguístico mais monitorado até o menos monitorado, também chamado de monitoração estilística (Bortoni-Ricardo, 2004). Para demonstrar esse percurso os autores tomam como base o processo de escrita de um artigo de opinião e a escrita de uma

**Figura 9 - Monitoração linguística**

**Escrita de artigo de opinião: texto + monitorado**  
mais

**Escrita de mensagem: texto – monitorado**  
menos

**Conversa com amigos: texto – monitorado**  
menos

**Debate regado: texto + monitorado**  
mais

mensagem no celular para um amigo.

Fonte: HERNANDES; MARTIN (2016, p. 38-39).

Percebe-se que há muitas possibilidades que determinam o uso linguístico mais ou menos monitorado e que os alunos ao chegarem à escola já apresentam algumas formas e construções da língua que os permitem, de acordo com o objetivo comunicativo pretendido, se expressar, mas é importante salientar que é necessário ter um domínio linguístico, ou seja, desenvolver o domínio lexical, semântico, sintático, morfológico e pragmático dentro do contexto escolar.

Diante disso, o que se pode perceber é uma tentativa por parte de Hernandez e Martin (2016) de desenvolver uma conscientização linguística que coloque o aluno entre as várias maneiras de refletir e usar a língua de acordo com as exigências da sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerar o primeiro princípio da Sociolinguística Educacional no que se refere aos estilos mais monitorados ou mais coloquiais da língua e a adequação linguística, os livros *Esferas das linguagens: Literatura, Produção de textos, Gramática em uso* (CAMPOS; ASSUMPCÃO, 2016); *Ser Protagonista* (BARRETO; BÁRBARA; BERGAMIN, 2016) apresentam o termo adequação linguística, enquanto *Língua Portuguesa: Linguagem e interação* (FARACO; MOURA; MARUXO JR., 2016) adota os graus de formalidade e informalidade da língua e adequação linguística; *Português contemporâneo: Diálogo, reflexão e uso* (CEREJA; DIAS VIANNA E DAMIEN, 2016) não faz menção aos estilos mais monitorados ou formais da língua e a adequação linguística; *Novas Palavras* (AMARAL et al., 2016) reflete sobre a adequação e inadequação linguística e *Veredas da Palavra* (HERNANDES; MARTIN, 2016) adota o termo letramento para se referir aos estilos mais monitorados, não sendo mencionado o termo adequação linguística.

E dentre os Livros Didáticos que abordam tanto os conceitos de estilos mais monitorados quanto de adequação linguística, destacam-se *Língua Portuguesa: Linguagem e interação* (FARACO; MOURA; MARUXO Jr., 2016) e *Se liga na língua: Literatura, Produção de texto* (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016), pois os autores conseguiram explicar de forma sucinta a importância de discutir ambos no contexto escolar, uma vez que isso colabora para o entendimento da proposta dos PCNEM (2006) e a BNCC (2017) sobre usar a língua com competência. Eles deixam claro que não existe uma forma “certa” ou “errada”, mas sim “adequado” e “inadequado” perante as diversas situações.

Já os Livros Didáticos *Esferas das linguagens* (CAMPOS; ASSUMPCÃO, 2016); *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso* (CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016) não fazem nenhuma menção aos estilos monitorados da língua e os demais, *Novas Palavras* (AMARAL et al., 2016); *Ser Protagonista* (BARRETO; BÁRBARA; BERGAMIN, 2016) e *Veredas da Palavra* (HERNANDES; MARTIN, 2016) ora apresentam apenas os estilos monitorados, sem mencionar a adequação

linguística, ora mencionam a adequação linguística e não mencionam os estilos monitorados, deixando uma lacuna acerca desse conhecimento.

Assim, foi possível perceber que dentre os livros analisados destacou-se o livro *Veredas da Palavra* (HERNANDES; MARTIN, 2016) porque ao utilizar o termo letramento tende a aproximar-se da proposta elaborada por Bortoni-Ricardo (2004), quando os alunos à medida que vão aprendendo a relacionar a linguagem que adquiriram no contexto fora da escola e aquela que estão adquirindo por meio dela vão alternando o estilo monitorado com estilo não monitorado. E isso colabora para o desenvolvimento da consciência da monitoração linguística e a sua possibilidade de adequação quando precisarem.

### Referências

- AMARAL, E. *et al.* **Novas Palavras**. São Paulo: FTD, 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. V. 1. Brasília: MEC/SEB, 2006.
- BARRETO, R. G.; BÁRBARA, M. G.; BERGAMIN, C. **Ser Protagonista: língua portuguesa**. São Paulo: Edições SM, 2016.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CAMPOS, M. I. B.; ASSUMPÇÃO, N. **Esferas das linguagens**. São Paulo: FTD, 2016.
- CEREJA, W.; DIAS VIANNA, C.; DAMIEN, C. **Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso**. São Paulo: Saraiva, 2016.
- COELHO, P. M. C. R. **O tratamento da variação linguística no Livro Didático de Português**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- FARACO, C. E.; MOURA, F. M.; MARUXO JÚNIOR, J. H. **Língua portuguesa: linguagem e interação**. São Paulo: Ática, 2016.
- FRANÇA, A. I.; FERRARI, L.; MAIA, M. **A linguística no século XXI: convergências e divergências no estudo da linguagem**. São Paulo: Contexto, 2016.
- HERNANDES, R.; MARTIN, V. L. **Veredas da Palavra**. São Paulo: Ática, 2016.
- NETO, P. C. Por uma vida melhor: intelectuais, pesquisadores e educadores falam sobre o livro. 2011. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/1631/139.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 12 out. 2018.
- ORMUNDO, W.; SINISCALCHI, C. **Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem**. São Paulo: Moderna, 2016.
- RAGEL, A.; VIEIRA, V. **O idioma prático e inconfundível das gírias**. 2011. Disponível em [http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/ecletica33\\_idioma\\_gurias.pdf](http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/ecletica33_idioma_gurias.pdf). Acesso em 20 out. 2018.

**Recebido em 30/9/2019. Aceito: 14/11/2019.**

**Sobre os autores e contato:**

**Andreza Marcião dos Santos;** Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: [andrezamarcao@hotmail.com](mailto:andrezamarcao@hotmail.com)

**Aldair Oliveira de Andrade;** Professor de Filosofia na Universidade Federal do Amazonas.

E-mail: [aldairufam@gmail.com](mailto:aldairufam@gmail.com)

**Raquel Aparecida Dal Cortivo;** Professora da Universidade Federal do Amazonas.

E-mail: [raqueldalcortivo@gmail.com](mailto:raqueldalcortivo@gmail.com)

**Shirlene Aparecida da Rocha.** Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais.

E-mail: [shirlenerocha37@gmail.com](mailto:shirlenerocha37@gmail.com)

**Endereço completo do autor responsável:**

Andreza Marcião dos Santos. Telefone: (97) 98115-3702.

E-mail: [andrezamarcao@hotmail.com](mailto:andrezamarcao@hotmail.com)